

UM ESTUDO DA PROTOTIPICIDADE DOS PRONOMES TU E VOCÊ EM FALAS FEMININAS

Ludinalva Santos do Amor Divino (UFBA)

lilidivino@hotmail.com

RESUMO

O estudo analisa a prototipicidade das formas *tu/você* em falas femininas de moradores de Santo Antônio de Jesus (BA). Objetivamos identificar em quais situações de fala acontecem as formas de tratamento *tu* e *você*: protótipo e periférico. A pesquisa foi realizada dentro dos pressupostos da sociolinguística variacionista descritos por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e da *Teoria do protótipo*, cuja fundamentação teórica baseia-se nos seguintes autores: Santos (2007) e Duque (2012). O *corpus* foi constituído por três conversas informais com controle dos fatores sociais: idade e sexo, obtidas por meio de um questionário. Constatamos que a utilização do *você* protótipo, deve-se a referência de 2ª pessoa, um interlocutor. Já as formas periféricas do *você* acontecem quando há indeterminação do sujeito *e*, para referir-se ao próprio falante, 1ª pessoa (*eu*). Atentamos também para o pronome *tu* na funcionalidade prototípica como referência ao interlocutor.

Palavras-chave: Sociolinguística. Formas de tratamento. Teoria dos protótipos.

1. Introdução

A forma de tratamento que um falante utiliza para dirigir-se ao seu interlocutor depende do tipo de relação estabelecida entre os eles, do gênero destes e do contexto da situação conversacional, entre outros fatores.

Sabemos que as formas de tratamento: *você* e *tu* coocorrem no português do Brasil. Porém, gramáticas tradicionais insistem em incluir apenas o *tu* para a 2ª pessoa do singular no quadro de pronomes. Alguns gramáticos, todavia, já observam que esse pronome tem uma aplicação limitada e que no Brasil vem sendo substituído por *você*.

Estudos mais recentes, como o de Monteiro (1994) e o de Ilari *et al* (1996), ambos baseados em inquéritos do projeto NURC, consideram *você* a verdadeira forma pronominal de segunda pessoa no português do Brasil. Para estes últimos, o pronome *tu* só sobrevive no sul do país. Já, Silva (2003, p. 179) chega a declarar que “há que ressaltar que no Brasil há dois pronomes que têm a mesma função: *tu* e *você*. Atualmente, predomina este último em quase todo o território brasileiro, pois o *tu* se restringe ao sul do país e a algumas regiões do Norte e Nordeste”.

A ideia de que o pronome *tu* foi suplantado pelo *você* na variedade brasileira do português, ainda encontra eco entre linguistas e gramáticos. Porém, no desenvolvimento deste trabalho, veremos que este ponto de vista não reflete a realidade da variedade brasileira, especialmente nas relações de proximidade das mulheres santo-antonienses.

O falante quando participa de um evento de fala exerce sua capacidade de fazer as opções que darão sentido às suas interações. Ele fala para tentar aproximar-se de outra pessoa, para fazer um julgamento, para falar de si, para perguntar, informar, enfim, para atender suas necessidades. Portanto, objetivamos analisar o uso dos pronomes *tu* e *você*: protótipos e periféricos em falas femininas, na tentativa de depreender quais os fatores que estão em jogo no processo de escolha do falante. A amostra será constituída de três informantes nascidas em Santo Antônio de Jesus (BA).

2. Fundamentação teórica

2.1. Sociolinguística

A sociolinguística surgiu no final da década de 60 como uma resposta aos modelos teóricos que consideravam a língua um sistema homogêneo e invariável, e à noção de língua que faz abstração da variação. Nesse sentido, a sociolinguística variacionista firmou seu lugar ao provar que a variação é inerente ao sistema linguístico.

Na década de 1960, Weinreich, Labov e Herzog (2006) manifestam interesse em inserir o componente social nos estudos linguísticos. A partir de então, Labov, principalmente, começa a desenvolver uma série de estudos sobre fala, almejando explicar e sistematizar a variação nas línguas. O estudo da língua, sob este ponto de vista, é feito a partir da fala em uso, de forma que as escolhas que o falante faz dependem não somente de fatores internos à estrutura linguística, como também de fatores relacionados à situação de uso.

O trabalho de Labov em Martha's Vineyard foi um marco fundamental para a caracterização da Sociolinguística enquanto ciência dotada de método, cujo objetivo foi analisar um fenômeno de mudança linguística – fônica – em processo na fala de seus habitantes. A partir de então, Labov passou a desenvolver uma série de pesquisas empíricas baseadas

na teoria que ficou conhecida como Sociolinguística Quantitativa ou Variacionista.

A teoria laboviana facilitou compreender que a variação linguística fônica é passível de sistematização, e que não é caótica, antes apresenta regularidades que não são devidas ao acaso. Mostrou que existe uma relação intrínseca e inseparável entre a língua e a sociedade, e a variação pode ser explicada por fatores internos e externos ao sistema. A língua passa a ser vista como um instrumento social de comunicação, sendo os atos linguísticos eminentemente sociais e pragmáticos, instrumentos para se estabelecer e manter o relacionamento entre indivíduos em sociedade.

Neste primeiro momento do surgimento da sociolinguística variacionista, as justificativas sobre as variações fonéticas recaíam com grande peso sobre os fatores externos, sociais, justamente na tentativa de se enfatizar a ligação da língua com a sociedade. Ao trabalhar com os aspectos fônicos da variação, Labov estabelece o conceito de regra variável, definida como duas ou mais formas distintas de se transmitir um mesmo conteúdo informativo.

As formas linguísticas em variação numa determinada comunidade são chamadas de variantes linguísticas. Estas são definidas como maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto. Assim, mesmo que sejam idênticas em seu valor referencial, as variantes podem se diferenciar quanto ao seu significado social ou estilístico. Dessa maneira, as formas de tratamento *tu* e *você* são formas distintas de se transmitir um mesmo conteúdo informativo, caracterizando-se, portanto, como variantes linguísticas.

As formas de tratamento *você* e *tu*, apesar de fazerem referência a segunda pessoa do discurso (portanto, assim, possuem um mesmo valor referencial) não são variações de um mesmo item lexical, tampouco podemos afirmar que as duas são equivalentes semanticamente. “*Tu*” é tradicionalmente o pronome de segunda pessoa, enquanto a forma *você*, proveniente da forma nominal *Vossa Mercê*, sempre foi considerado um pronome de tratamento. Por outro lado, as formas *tu* e *você* são usadas em falas femininas, ambas como referência a segunda pessoa do discurso, o que nos leva a tentar entender em que contextos ou em que situações comunicativas ocorrem com maior ou menor prototipicidade.

2.2. Teoria dos protótipos

Nascida da antropologia e da psicologia cognitivista, a *teoria dos protótipos* constituiu um desenvolvimento teórico dentro do paradigma da linguística cognitiva, tendo sido assim estendida à análise léxica e semântica. Ela teve como precursores: Georges Kleiber e George Lakoff.

Na versão padrão, formulada por Eleanor H. Rosch e seu grupo, no início dos anos 70, o protótipo é considerado o exemplar mais adequado, o melhor representante ou caso central de uma categoria. Posteriormente, passa a ser definido como o exemplar idôneo comumente associado a uma categoria. Assim, os aspectos graduais de proximidade ao protótipo dentro da categoria passam a ser definidos pela frequência de uso ou atribuição entre os sujeitos.

Essa teoria apresentou-se como modelo de explicação do fenômeno da categorização, conceito essencial para as ciências cognitivas. Seu ponto de partida sinaliza a rejeição da ideia de existir um conjunto de atributos sêmicos comuns a todos os membros de uma categoria. Dessa maneira, a categorização do mundo que nos cerca não se faz por traços que separam os membros de uma categoria, mas pelo reconhecimento dos traços que podem aproximá-los, isto é, aquilo que Wittgenstein designou por “semelhanças de família”.

Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão “semelhança de família”; pois é assim como se superpõem e entrecruzam as diversas semelhanças que ocorrem entre membros de uma família: estatura, cor dos olhos, andar, temperamento etc. Assim, podemos dizer: os jogos compõem uma família. (WITTGENSTEIN, 1953 *apud* DUQUE, 2003, p. 48)

Contrariando o modelo clássico, a *teoria dos protótipos* defende que as categorias não são estruturas homogêneas. Em conformidade com pesquisas de: Labov (1973), Rosch (1973), Kempton (1981) e Taylor (1989), alerta-se para o fato de que as categorias exibem melhor uma estrutura prototípica, ou seja, há bons e maus exemplos. Os membros mais representativos, isto é, aqueles que os falantes primeiro reproduzem na imaginação ao escutar ou ver o nome de uma categoria são os membros centrais ou prototípicos, isto é, os mais ideais, em torno dos quais os demais se estruturam.

Nessa direção, a psicóloga norte-americana Rosch, na década de 70, fez adequações à categorização clássica baseando a pesquisa realizada partir da noção de protótipo, dentro da categoria, ou seja, não se trata de pensarmos em um conjunto de pertencente ou não, mas sim, reconhe-

cer, através de um protótipo, o núcleo dentro do grupo. Os demais elementos estariam mais à margem e seriam menos recorrentes quando pensamos em determinada categoria.

Santos (2007) salienta que os estudos sobre protótipo se iniciaram com as pesquisas das cores, que foram chamadas de “estudo das cores básicas”. O estudo deixou claro que as cores têm um foco central primário e nossa percepção cognitiva capta o ponto mais “exemplar” da cor, isto é, o ponto prototípico. Nessa perspectiva, o verde, por exemplo, tem seu ponto prototípico e as demais tonalidades seriam a sua continuação; a saber: verde-água, verde-esmeralda etc. “Apesar de sua base biológica, essa pesquisa revela a nossa percepção cognitiva frente aos conceitos e, assim, confirmaria, segundo os autores, que categorizamos as coisas baseados em um elemento prototípico dentro de uma categoria” (SANTOS, 2007, p. 6). Precisamente, a partir do estudo sobre as cores é que proveio a *teoria dos protótipos*.

Como já fora dito anteriormente, os estudos revelaram existir protótipos distintos, dependendo da cultura, da sociedade, das vivências etc. Por essa razão, o protótipo perdeu a noção de causa para ter a noção de efeito. Os autores começaram a falar muito mais em efeitos prototípicos do que propriamente protótipos. Enfim, o que se passa a buscar agora não é mais um elemento prototípico de determinada categoria, mas sim os efeitos prototípicos que são motivados por determinados fenômenos. A *teoria dos protótipos* foi melhor compreendida quando foi associada à teoria wittgensteineana. Quando temos, por exemplo, a categoria casa, o protótipo dessa categoria pode variar se perguntarmos o que é casa, por exemplo, para um mendigo, um rapaz de classe média alta, um assalariado e uma estrela da música e ainda mais se fizermos essa mesma pergunta para pessoas dos mais diversos países. Os resultados serão os mais diversificados, uma vez que esse efeito de prototipicidade será motivado por influências socioculturais (SANTOS, 2007).

Para Rosch, o protótipo atua como ponto de referência cognitiva (*cognitive reference point*) para os processos de classificação dos elementos de nossa experiência. Os experimentos de verificação dos prototípicos derivados do modelo permitiram que se chegasse às seguintes conclusões (DUQUE, 2012):

- a) Os membros prototípicos são categorizados mais rapidamente que os membros não-prototípicos;
- b) Os membros prototípicos são os que as crianças aprendem primeiro;

- c) Os membros prototípicos são os primeiros mencionados, quando solicitamos aos falantes que listem todos os membros de uma categoria;
- d) Os protótipos servem de ponto de referência cognitiva. Por exemplo, *uma elipse é quase um círculo*, em que *círculo* é tomado como referência;
- e) Geralmente, quando o que se pede é a enumeração dos primeiros membros de uma categoria, os protótipos aparecem mencionados em primeiro lugar.

Santos (2007) salienta para a subdivisão das categorias, destacando os trabalhos de Rosch que subdivide tais categorias em três níveis: subordinado, básico e supraordenado. O nível básico seria aquele mais recorrente dentro de uma categorização, por exemplo: cadeira. O subordinado estaria em menor recorrência do que o básico, mas dentro da categoria. Exemplo: poltrona. E o superordenado acomodaria o elemento do nível básico em uma categoria maior: móvel.

Enfim, as categorias apresentam muitas vezes limites fluidos. Não há uma fronteira nítida que separe categoricamente uma etapa de outra. De certa forma, elas estão unidas em um contínuo em que são categorizadas com base em um conjunto de atributos que convergem para uma escala gradual de tipicidade dentro de um paradigma geral. Assim, ocorre que determinadas categorias não são fáceis de categorizá-las, por possuírem atributos semelhantes e díspares entre si, de modo a tornar difícil estabelecer uma diferença entre elas. Para citar um exemplo clássico, vejamos o caso do morcego, mesmo possuindo o traço “voar”, característico dos pássaros, não pode ser classificado como ave. Já um pato, uma galinha, entre outros, mesmo não possuindo o traço “voar”, são categorizados como aves; nesse sentido, teríamos pato e galinha como categorias centrais, já morcego como periférico.

3. Pronomes de tratamento de 2ª pessoa

3.1. Você

Não há na literatura tradicional uma classificação como pronome pessoal para *você*, pois o fato de colocá-lo entre os pronomes de tratamento, ao lado de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade* etc. significa desconhecer o uso de *você* como pronome pessoal.

Em relação à evolução de *Vossa Mercê* > *Você* tem-se um processo de gramaticalização, o que resulta numa mudança de categoria de lo-

ção nominal para pronome. No português arcaico, *mercê* era um substantivo comum que significava “favor, graça, benesse”. Esse substantivo, antecedido do pronome possessivo *vossa*, cristalizou-se, adquirindo um novo significado e tornando-se uma forma de tratamento específica para o rei. Mais tarde, esse pronome estendeu-se a fidalgos que queriam o mesmo tratamento; e continuou alargando-se a todas as classes sociais, como afirma Nascentes (1956):

Vossa mercê agradava a todo mundo. A classe humilde não tardou a apoderar-se da fórmula nova para uso próprio, mas sendo expressão um tanto longa e tendo de ser repetida a cada instante, a gente do povo abrevio-a em vos-sancê, vossemecê, vossecê e finalmente você. (...) *Vossa mercê* se transformou em vossemecê. De vossemecê passou a vosmecê e desta forma por intermédio das formas hipotéticas vosm'cê e voscê, se fez você, que ainda se alterou para ocê finalmente para cê. (NASCENTES, 1956, p. 117)

Vitral (1996) e Ramos (1997), citados por Loregian-Penkall (2004, p. 42), defendem a hipótese de que o processo de gramaticalização estaria ainda mais avançado em relação às três formas pronominais de 2ª pessoa: *você*, *ocê* e *cê* e, analisando sintaticamente essas formas, argumentam ter havido uma cliticização, isto é, a forma *cê* significaria a etapa mais avançada da gramaticalização caracterizando-se como um *pronome clítico*. O uso da variante *cê* com interpretação indefinida é mais frequente tanto na área urbana quanto na área rural.

3.2. *Tu*

No Brasil, ocorreu a substituição do *tu* por *você*, como forma de tratamento familiar e íntima, o que deve ter ocorrido na virada do século XIX para o XX. Até os anos 70, Machado de Assis utilizava, nas suas correspondências, a forma *tu* com os íntimos, de modo geral. E no século XX, utilizava *você*, exclusivamente, apesar de conservar possessivos da 2ª pessoa (BIDERMAN, 1972, p. 364).

Lê-se, em Loregian-Penkall (2004), que as gramáticas continuam registrando somente a forma *tu* no paradigma dos pronomes pessoais, em relação ao singular. Porém, de acordo com os estudos descritivos, se constata que, na maioria das regiões brasileiras, não existe mais a coocorrência das formas pronominais para a segunda pessoa, pois o pronome *você* é a única forma de dirigir-se ao interlocutor.

No português do Brasil, o *tu* é uma forma de tratamento empregado de igual para igual, porém, atualmente, não é muito encontrado. Anterior

Nascentes (1956) ressalta que o tratamento íntimo entre iguais é o de *você* em todo o Brasil, com exceção do Rio Grande do Sul onde se usa o *tu*.

4. Metodologia e análise de dados

4.1. Descrição do corpus

A metodologia utilizada para a obtenção do *corpus* foi orientada por trabalhos sociolinguísticos que se fundamentam na perspectiva variacionista laboviana. Para recolhimento dos dados, aproveitou-se um questionário com perguntas nas quais focalizamos apenas as respostas fornecidas pelos informantes, sem, contudo, perder de vista a contextualização que as perguntas oferecem nas entrevistas.

O gênero entrevista constitui um evento comunicativo primordialmente oral, marcado por perguntas e respostas que tendem a variar em conformidade com os objetivos e a natureza dos atos em propósito. A linguagem utilizada foi informal e objetiva, permitindo sempre uma fácil compreensão e uma boa interação entre entrevistador e entrevistado.

Fizemos um recorte em que serão, apenas, analisadas três amostras de falas femininas de três faixas etárias: de 15 a 35 anos, de 36 a 55 anos e acima de 55 anos; de dois níveis de escolaridade (superior e nível fundamental) e nascidas em Santo Antônio de Jesus ou que tenham se mudado para a cidade com até cinco anos de idade.

4.2. Variável social: sexo

Sabemos que as variáveis de ordem social influenciam a escolha das variantes, sem perder de vista que nem sempre essa escolha é condicionada por fatores socioculturais, isto é, certos fenômenos de variação podem ser regulados apenas por pressões do próprio ambiente linguístico em que se realizam, todavia, como assinala Monteiro (2000, p. 68): “mas, inversamente, há casos em que o uso de certas estruturas linguísticas depende quase que exclusivamente das pressões de ordem externa ao sistema”.

As diferenças de comportamento dentro de uma mesma comunidade entre os falantes do sexo masculino e feminino levaram os sociolinguistas admitirem uma possível diferença nos usos desses falantes, uma

vez que a linguagem é o resultado da cultura em que estamos inseridos.

Labov (1991) aponta para o fato de que as mulheres, em situação de variação estável, têm demonstrado preferência pelo uso das formas de prestígio e que, em caso de mudança linguística, as mulheres seriam inovadoras e responsáveis pela propagação da variante não-padrão.

4.3. Análise dos dados

A falante opera o material linguístico que tem a sua disposição, realiza escolhas adequadas e representa as coisas de modo condizente com o sentido que pretende estabelecer. Ao usar o pronome *você* com distintas representações, entendemos que o falante faz uso de um significante que carrega em si a possibilidade de significados distintos e transporte os significados do *você* para o que deseja dizer.

Na nossa análise, podemos constatar que, em determinados eventos de fala, o *você* funciona de forma mais prototípica, tendo como referente a 2ª pessoa do discurso, o interlocutor. Já em outras situações de fala, presenciamos o pronome *você* menos protótipo, ou seja, periférico.

Pronomes	Prototipicidade
VOCÊ	Com valor de segunda pessoa = protótipo
	Com valor de primeira pessoa (eu) = periférico
	Com valor genérico = periférico
TU	Com valor de segunda pessoa = protótipo

Quadro 1: Distribuição dos pronomes quanto à prototipicidade (Fonte: Elaborada pela autora).

4.3.1. *Você* protótipo

Através dos dados, podemos perceber que o pronome *você* foi utilizado com predominância nas falas femininas, com valor de segunda pessoa (com quem se fala), fazendo referência ao interlocutor. Vejamos os exemplos abaixo:

(Informante A)

DOC. – Aí, cê vai aconselhar pra ele frequentar a escola, pronto (INIT).

INF. – Posso falar o nome?

DOC. – Pode, fique à vontade.

INF. – Eh... Jaqueline, eu queria que **você** frequentasse mais a escola, assim sou-

besse valorizar o que a escola, o estudo tem pra lhe dá, porque hoje em dia sem estudo **você** num, é nada. Falava assim: **você** tem que se interessar mais, não ficar conversando com esse... esse menino que lhe bota a perder, conversar com pessoas que lhe capacitam, que dialoguem coisas boas, assim.

Na passagem, infere-se que a pessoa a quem a informante está se dirigindo, nesse contexto, é alguém próximo: Jaqueline. Pode-se deduzir que é uma pessoa do seu convívio, pois a informante tenta aconselhar a mesma.

É importante salientar que, nas falas analisadas, encontramos muitas ocorrências de *você* no tratamento com pessoas próximas.

(Informante B)

DOC. – Vamos supor que esteja passando um amigo seu aqui agora, com a mala na mão, aí você quer saber para onde vai. Ele tá passando aqui, já na tua frente agora com a mala na mão, como é que você vai perguntar a ele, como é que você vai se dirigir a ele?

INF. – Ôh Caio, *cê* vai pra onde agora?

O informante B utiliza a forma *cê* (simplificação de *você*) para se dirigir a um interlocutor que o mesmo possui intimidade, proximidade, nesse caso, um amigo.

Podemos concluir que o pronome *você*, neste enquadramento de prototipicidade, está corroborando com o que a gramática preconiza, tendo o pronome de 2ª pessoa como modelo padrão, mais representativo.

4.3.2. *Você periférico (com valor de 1ª pessoa)*

No repertório da língua portuguesa, existe um pronome específico para ser utilizado pela pessoa que fala: o *eu*. O uso desse item é indicado quando o falante deseja expressar suas atitudes e seus sentimentos. No entanto, o falante, de posse do conhecimento linguístico que possui, utiliza o pronome *você* também para essa finalidade.

Vejam os exemplos abaixo:

INF. – Uma colega minha uma vez me disse, que conhecimento ninguém lhe tira e depois que ela falou isso, eu comecei a ver os estudos de uma forma diferente. Então eu acredito nisso, talvez *você* esteja saindo, eh... não querendo estudar por causa do trabalho, mais isso não justifica, porque tem muita gente em situações piores e que a gente, no entanto, continua estudando, então eu acho que *você* deveria investir nisso. Pode ser que o trabalho hoje esteja lhe dando dinheiro, mais amanhã quem lhe garante que

vai tá... o conhecimento (INIT) ninguém tira.

INF. – Ah, pra quê? Pra que vou tá lá estudando? Não tenho mais idade pra isso não. Na verdade, não tem idade pra estudar né? Eu acredito (INIT) que se **você** quiser é isso que *você*.... tem que encarar, enquanto tiver vivo, enquanto o sangue tiver correndo na, na pele, **você** tem que correr, tem que fazer o que *você* quer realmente.

Vemos que, no trecho: “talvez *você* esteja saindo”, da amostra de fala acima, o pronome *você* está sendo utilizado no sentido de: talvez EU esteja saindo, ou seja, 1ª pessoa.

A representação mais reconhecida do pronome *você* nos meios oficiais e conversas formais e informais é a função de referência ao interlocutor, por isso que consideramos o uso de *você* como 1ª pessoa, periférico.

Na semântica de um item lexical, declara Silva (1997), há sentidos prototípicos e periféricos. Tanto que a sua estrutura tem a forma de uma *network* (rede) 5, na qual as margens do campo são ocupadas pelos sentidos mais específicos (de contextos mais particulares) e o núcleo, pelo sentido mais geral. Por isso, a pertinência – no exercício de síntese documental – da noção de protótipo, provinda da linguística cognitiva. *Protótipos* são os exemplares mais típicos, mais representativos, de uma categoria

Vimos que os membros mais representativos, isto é, aqueles que os falantes primeiro evocam ao escutar ou ver o nome de uma categoria, são os membros prototípicos ao redor dos quais os demais (membros periféricos) se agrupam. De maneira que os membros mais afastados do centro (lôcus do protótipo) podem fazer parte de outras categorias.

Os exemplos em que constatamos o pronome *você* funcionando como 1ª pessoa (eu) são fortemente justificados a partir de um contexto de características pessoais que sustentam, naquele excerto de fala, que o informante está se referindo a ele próprio. Nessa direção, caracterizamos essa utilização como menos prototípica, visto que, não são usos comuns.

4.3.3 *Você* periférico (genérico)

O termo *você* é de tal forma genérico que pode abranger qualquer pessoa do discurso, levando-nos a reconhecer, portanto, um processo de indeterminação.

INF. – Eu vou dizer... se for mais jovem, assim da idade de Henrique, eu costumo chamar de meu filho. Meu filho, eh... começo perguntando a ele, né? Como é que cê tá de estudo? Se ele deixou de estudar, eu vou dizer: Olhe, o estudo é uma coisa muito importante pra vida de uma pessoa, não só pela questão de... do mercado de trabalho de você conseguir uma colocação no mercado, mas pra sua vida mesmo, né? pra sua vida como pessoa. Eh... mas também no... pra *você* mesmo, pra sobreviver hoje no mundo que a gente vive, no país que a gente vive, com o desemprego que tá aí, se *você* não se preparar, se **você** tiver uma profissão, se você não tiver capacitado, *você* profissionalmente, você pode ter dificuldade de se encaixar no mercado, né? Aí vou dizer que a... o estudo é uma coisa importante na vida da pessoa.

Percebemos, na amostra de fala, que em algumas utilizações do *você*, a informante não deixa claro quem é o referente no contexto, sendo este qualquer pessoa que deve se preparar para o mundo, alguém, um sujeito indeterminado. Assim, deduzimos que o pronome *você* funciona de maneira periférica, uma vez que são usos isolados e não remetem a indicação prescrita pelas gramáticas.

Seguindo a gramática, o sujeito indeterminado é aquele que não se pode identificar e essa indeterminação acontece de duas formas, a saber: através do uso da partícula “se” e da presença do verbo na 3ª pessoa do singular.

4.3.4. Tu protótipo (com valor de 2ª pessoa)

A partir dos dados da amostra, notamos que, no recorte de uma das falas feminina, com idade de 22 anos, o número de ocorrências do pronome *tu* foi muito significativo, levando-nos inferir que essa utilização caracteriza-se como prototípica, uma vez que a informante faz referência ao interlocutor.

Observemos o recorte seguinte:

INF. – E o dinheiro, vai ficar mais ou menos em quanto? *tu* acha que a gente vai gastar quanto? Acho que seria isso.

DOC. – Certo, tá combinando tudo aqui com ela agora, tá conversando com ela... sobre isso.

INF. – *tu* acha que dá mais ou menos quanto de gasolina?

DOC. – Quinhentos.

INF. – Então, duzentos e cinquenta...e duzentos e cinquenta, no total trezentos e cinquenta, certo? E a gente precisa de quanto pra o supermercado? Ou vai tirar cem reais só pra besteira e vai levar o resto porque lá é mais caro.

Então é só o quê? Quatrocentos e cinquenta, não; quatrocentos reais... de cada um inicialmente, se *tu* quiser levar mais algum dinheiro pra gastar lá?

É importante destacar que, em relação ao fator social: idade, percebemos que alguns falantes de perfil juvenil dão preferência à forma *tu*, utilizando-a como prototípica.

5. *Considerações finais*

Na gramática tradicional, temos o uso cristalizado dos pronomes de tratamento *tu* e *você*, por vezes, pronomes pessoal de 2ª pessoa. Porém, ao analisarmos o pronome *você* na amostra de falas femininas do dialeto da cidade de Santo Antônio de Jesus (BA), constatamos que este pronome tem o seu emprego oscilante, sendo utilizado como pronome pessoal do caso reto, às vezes, como substituto do *tu* e como *sujeito indeterminado*. A referenciação *indeterminada* ocorre quando o falante reporta-se a um interlocutor imaginário; trata-se de uma seleção inconsciente, um enquadramento de um interlocutor qualquer numa situação hipotética.

Conforme propusemos na introdução deste trabalho, objetivamos analisar o uso dos pronomes *tu* e *você*: protótipos e periféricos em falas femininas, na tentativa de depreender quais os fatores que estão em jogo no processo de escolha do falante; constatamos, portanto, que a utilização do *você* protótipo deve-se a referência de 2ª pessoa, o interlocutor. Por outro lado, as formas periféricas do *você* acontecem quando há indeterminação do sujeito e utilização do *você* para referir-se ao próprio falante, em particular, *eu*.

Os dados das amostras de fala feminina comprovaram que o fator social "sexo" demonstra forte atuação no uso prototípico do *você* como tratamento para o interlocutor. Dessa maneira, acreditamos que esse uso vem favorecer a hipótese de que as mulheres se aproximam das formas padrão.

As pesquisas sobre as formas de tratamento sempre estiveram ligadas às questões exclusivamente sociais, seguindo hierarquias sociais e às relações de poder e solidariedade. No nosso estudo, observamos outros fatores ligados ao contexto do evento comunicativo e comprovamos que há utilizações mais prototípicas e menos prototípicas, intituladas como formas periféricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Formas de Tratamento e Estruturas Sociais. *Alfa*, São Paulo: FFCL de Marília, n. 18/19, p. 339-381, 1972-1973.

DUQUE, Paulo Henrique. Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical. In: MOLLICA, Maria Cecília; RONCARATI, Cláudia (Orgs.). *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN*: Rio de Janeiro, 2003.

_____; COSTA, Marcos Antônio. *Linguística cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: Edufrn, 2012.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Social factors. Cambridge: Blackwell. 2001.

LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome “tu” na fala do sul do Brasil*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística). – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/111267/104709.pdf?sequence=1>>.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/22530/t%20-%20loremi%20loregian-penkal.pdf?sequence=1>>.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1994.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de “você” no Brasil. *Letras*. Curitiba: UFPR, vol. 6, n. 05, p. 114-122, 1956.

RAMOS, Jânia. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997.

SANTOS, Ricardo Yamashita. Corpo e mente: uma linguagem unificada. *I Colóquio de Estudos da Linguagem – CONEL*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

SILVA, Augusto Soares. Linguagem, cultura e cognição, ou a linguística cognitiva. In: SILVA, Amadeu Torres; GONÇALVES, Miguel. (Orgs.). *Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva*. Coimbra: Almedina, 2004.

SILVA, Vera Lucia Paredes. A variação “você” e “tu” na fala carioca. In: Encontro de Variação Linguística do Cone Sul, 1. Porto Alegre. *Anais...* UFRGS/Porto Alegre, 1996.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1995 (1. ed. 1989).

TEORIA dos protótipos. In: *Artigos de apoio Infopédia*. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/\\$teoria-dos-prototipos](https://www.infopedia.pt/$teoria-dos-prototipos)>. Acesso em: 26-04-2017.

VITRAL, Lorenço. A forma Cê e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, UFMG, vol. 4, n. 1. p. 116-124, 1996. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/1031/1156>>.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. (Orgs.). *Empirical foundations for a theory of language change*. Austin: University of Texas Press, 1968.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PROPOSTA DIDÁTICA PARA TRABALHAR O LÉXICO REGIONAL EM SALA DE AULA

Darlan Machado Dorneles (UFAC)

darlan.ufac@yahoo.com.br

Lindinalva Messias do Nascimento Chaves (UFAC)

lindinalvamessias@yahoo.com.br

RESUMO

O presente estudo apresenta uma proposta didática destinada ao 9º ano do ensino fundamental para trabalhar a variação linguística lexical, mais precisamente a de cunho regional, com base no romance *Terra Caída*, de José Potyguara. O romance revela a diversidade do português brasileiro, principalmente o vocabulário do seringueiro no passado, e, talvez, no presente, bem como constitui-se em uma página vida da história e da cultura acriana. O objetivo é levar os alunos a perceberem a referida diversidade e o registro da fala do seringueiro na obra. Possibilita-se, ainda, o acesso à literatura, à história e à cultura acrianas. As aulas serão expositivas e dialogadas. Em um primeiro momento, pretende-se discutir com os alunos a diversidade do português brasileiro, exemplificando com uma carta do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* e instigando-os a expor o que conhecem da realidade local. Em um segundo momento, apresenta-se o autor e inicia-se a leitura, compartilhada com os alunos em sala de aula, fazendo após cada capítulo lido a análise e solicitando aos alunos que listem os personagens e marquem as palavras do vocabulário, esclarecendo que tais palavras fazem parte do contexto de vida local, ou seja, é a realidade linguística e o falar típico do seringueiro, sujeito amazônico, acriano e da floresta. Em um terceiro momento, terminar a leitura. Em um quarto momento, como atividade pode-se pedir que a partir das palavras grifadas na leitura, procurem os conceitos nos dicionários e construam uma carta linguística. A avaliação pode ser feita em seminários, em que cada grupo apresentaria sua lista de palavras na escola. Espera-se que a proposta, além de conhecimento de uma das variedades do português brasileiro, incuta nos alunos o gosto pela literatura local e o respeito às diferenças regionais.

Palavras-chave: Literatura. Língua portuguesa. Variação lexical.

1. Introdução

A diversidade linguística da língua portuguesa falada no Brasil existe e precisa ser trabalhada em sala de aula. São diversas as formas e maneiras de levar para aulas de língua portuguesa a realidade linguística, por exemplo, o professor pode apresentar cartas linguísticas dos atlas linguísticos já publicados (exemplos da variação linguística) ou mesmo o vocabulário das obras literárias de cunho regional. Não é uma tarefa fácil, porém, precisa ser encarada tanto para atender o que exige os *Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa* (1997), quanto para